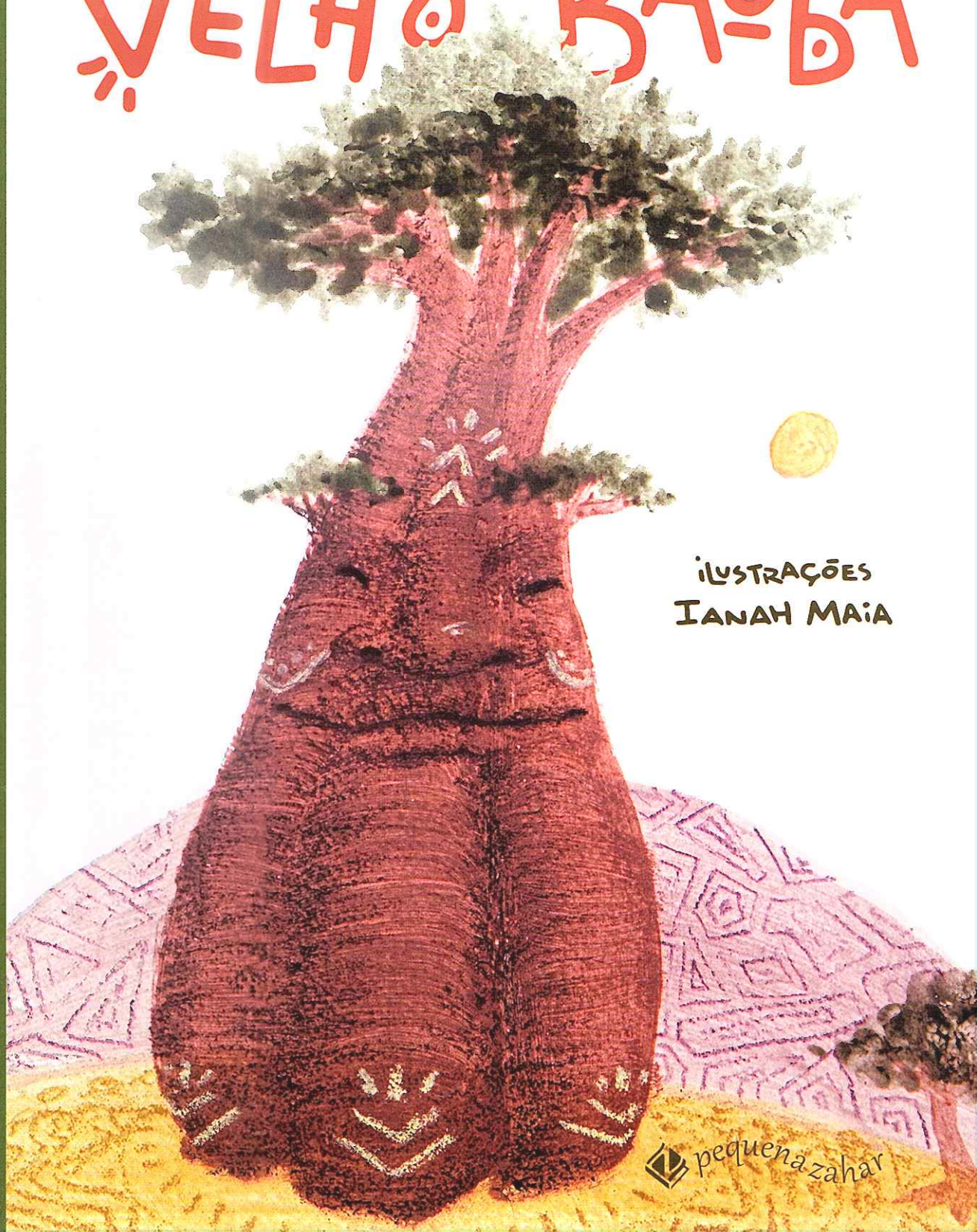


INALDETE PINHEIRO DE ANDRADE
UMA AVENTURA DO
VELHO BAOBÁ



ILUSTRAÇÕES
IANAH MAIA

Copyright do texto © 2021 by Inaldete Pinheiro de Andrade
Copyright das ilustrações © 2021 by Ianah Maia

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Revisão

RENATA LOPES DEL NERO

FERNANDA FRANÇA

ADRIANA MOREIRA PEDRO

Tratamento de imagem

AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinheiro de Andrade, Inaldete

Uma aventura do Velho Baobá / Inaldete Pinheiro
de Andrade ; ilustração de Ianah Maia. — 1ª ed. — Rio de
Janeiro: Pequena Zahar, 2021.

ISBN 978-65-88407-09-7

1. Ficção — Literatura infantil I. Maia, Ianah. II. Título

21-74602

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantil 028.5

2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PEQUENA ZAHAR

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil

☎ (21) 3993-7510

✉ companhiadasletras.com.br/pequenazahar

📘 /pequenazahar

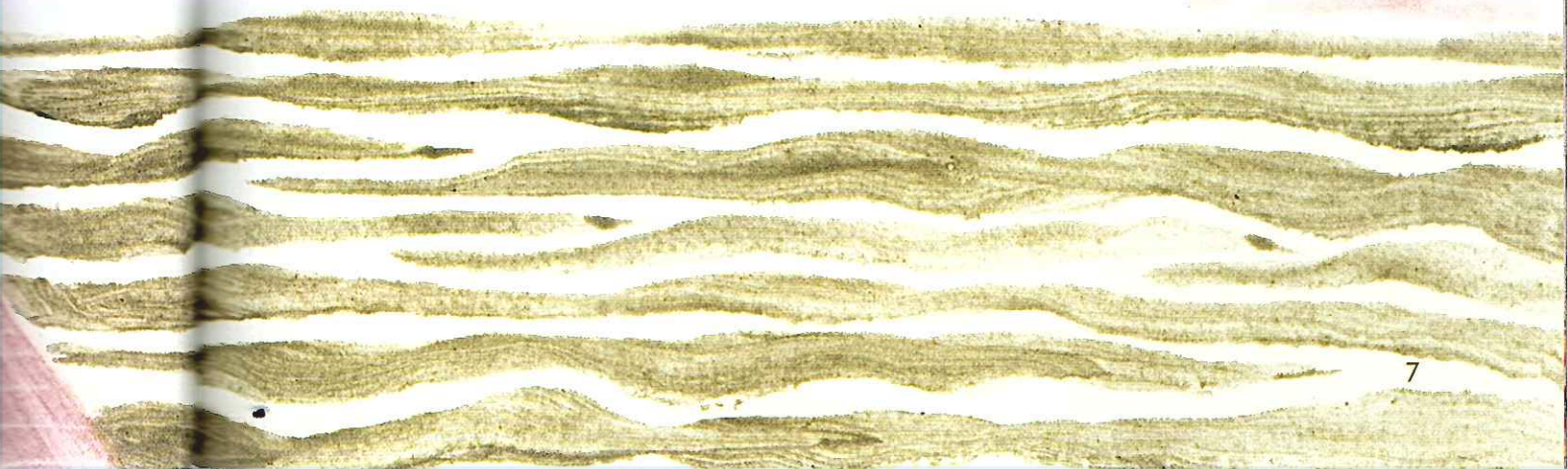
📷 @pequenazahar

📺 /CanalLetrinhaZ



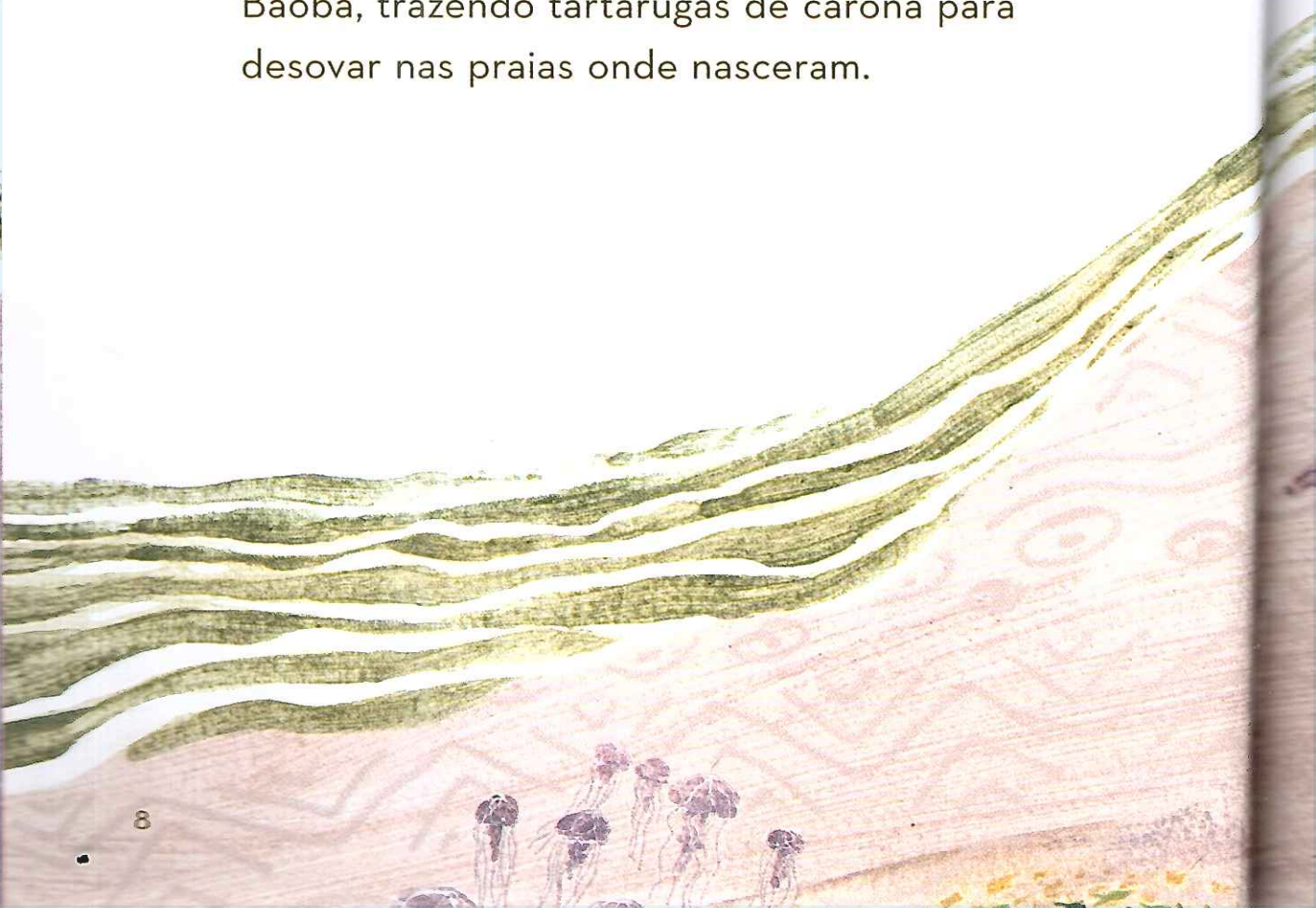


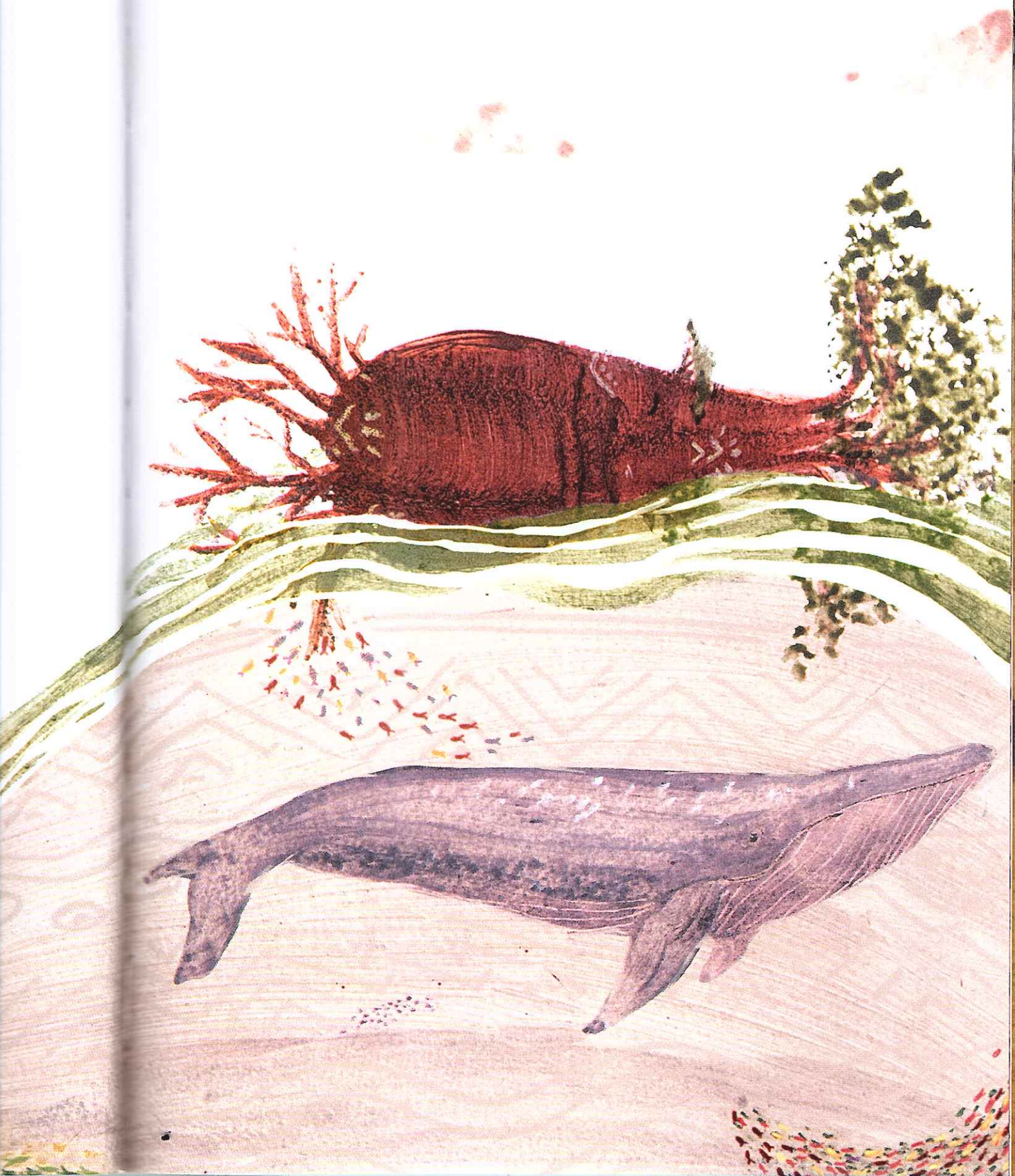
O Velho Baobá resolveu atravessar o oceano Atlântico para encontrar os parentes. Tudo porque soube que do outro lado, numa terra próxima à grande curva do mar, muitos baobás também brotavam. A sua idade não era um problema, pois mantinha o viço dos séculos de bons cuidados na savana e sentia-se revigorado com a expectativa da viagem. Então, raízes, tronco e galhos ao mar: — Lá vamos nós! — disse para si mesmo.

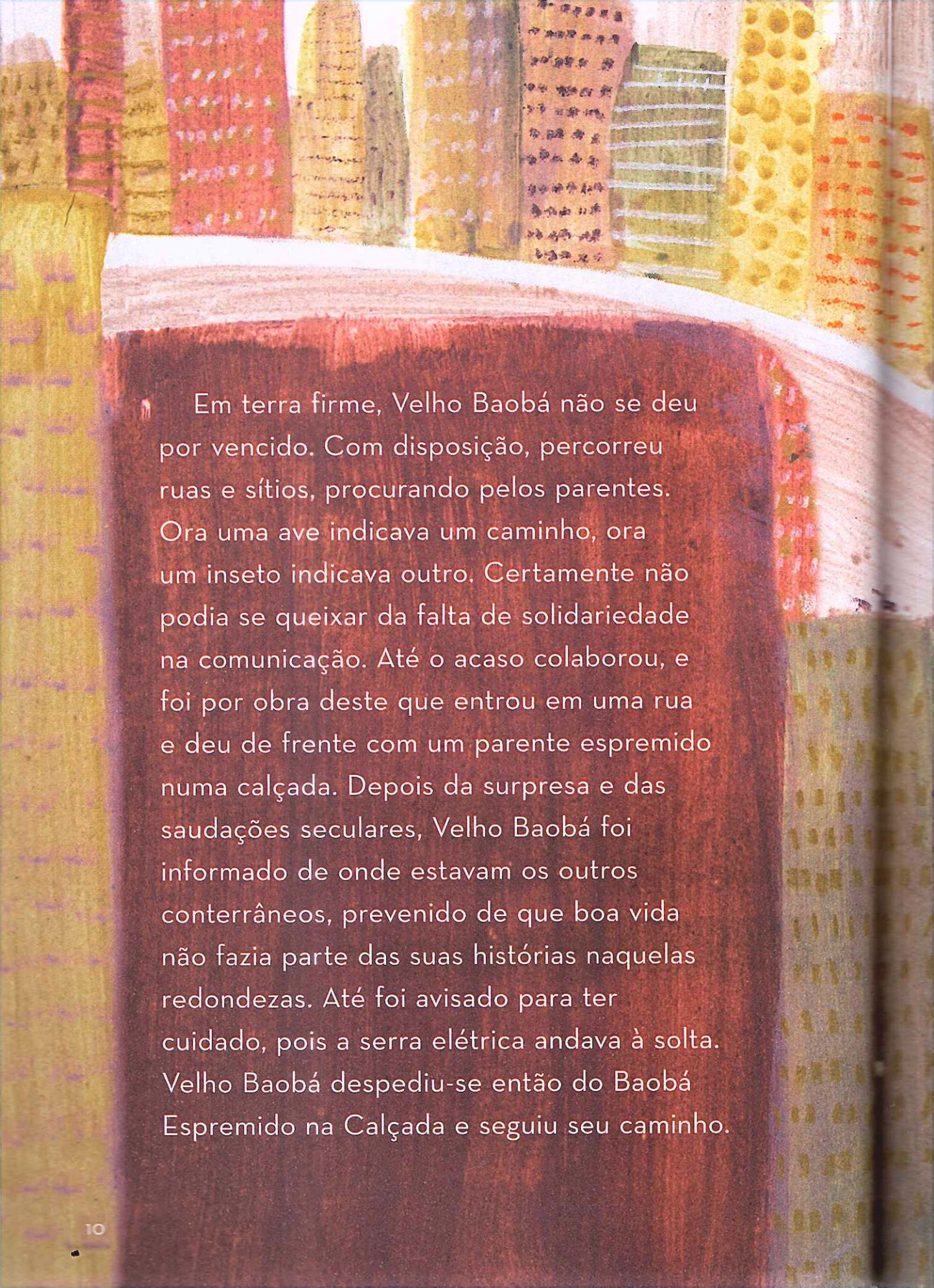




Houve todo tipo de encontro na travessia. Velho Baobá ficava às gargalhadas quando as baleias competiam em tamanho com ele. Os golfinhos apostavam corrida, já que tamanho não é documento. Os tubarões, atraídos pelo movimento das raízes e dos galhos, mordiam, mas não gostavam do gosto da madeira e, desconfiados, não olhavam os cardumes de todas as cores que abriam passagem para Baobá, trazendo tartarugas de carona para desovar nas praias onde nasceram.

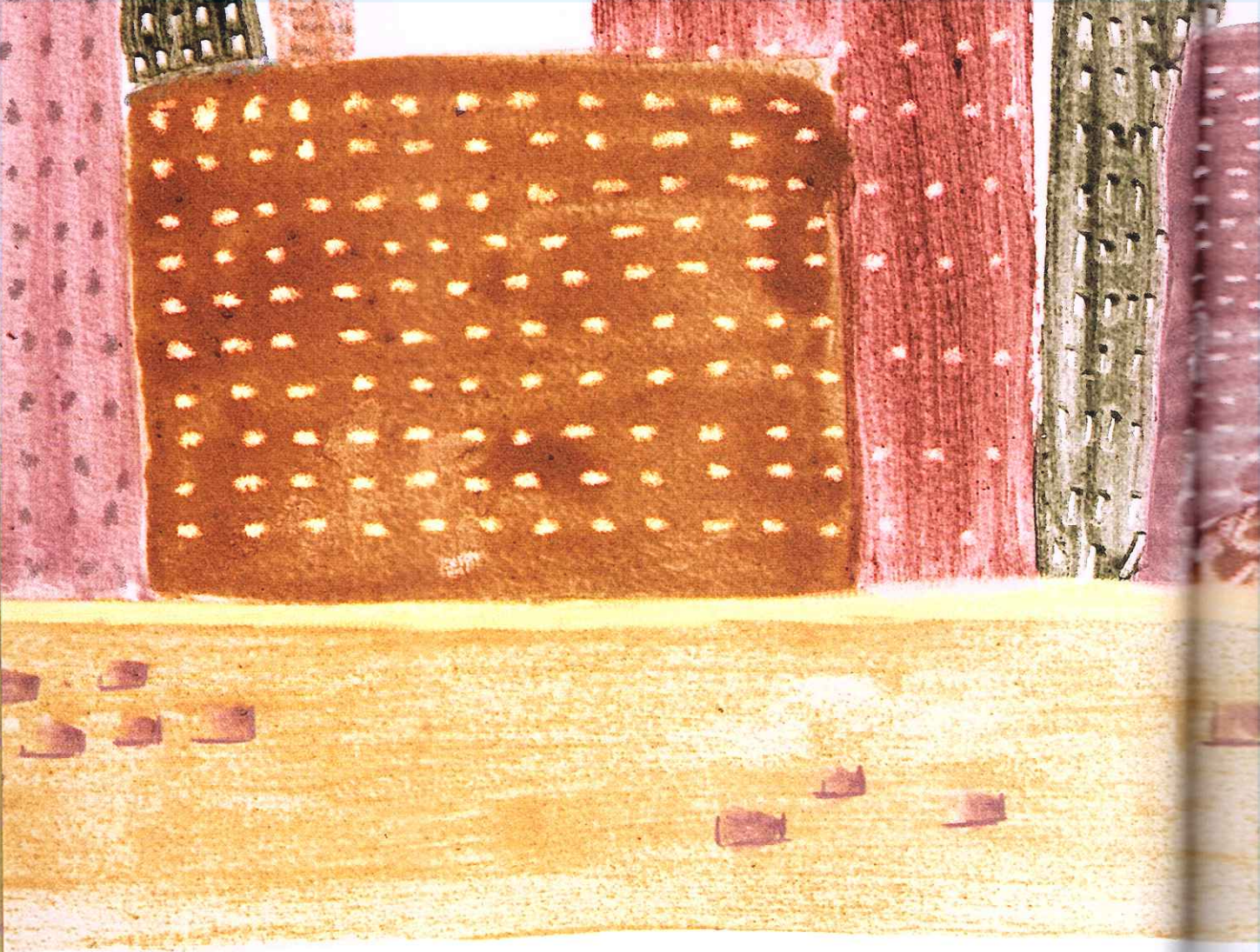






Em terra firme, Velho Baobá não se deu por vencido. Com disposição, percorreu ruas e sítios, procurando pelos parentes. Ora uma ave indicava um caminho, ora um inseto indicava outro. Certamente não podia se queixar da falta de solidariedade na comunicação. Até o acaso colaborou, e foi por obra deste que entrou em uma rua e deu de frente com um parente espremido numa calçada. Depois da surpresa e das saudações seculares, Velho Baobá foi informado de onde estavam os outros conterrâneos, prevenido de que boa vida não fazia parte das suas histórias naquelas redondezas. Até foi avisado para ter cuidado, pois a serra elétrica andava à solta. Velho Baobá despediu-se então do Baobá Espremido na Calçada e seguiu seu caminho.



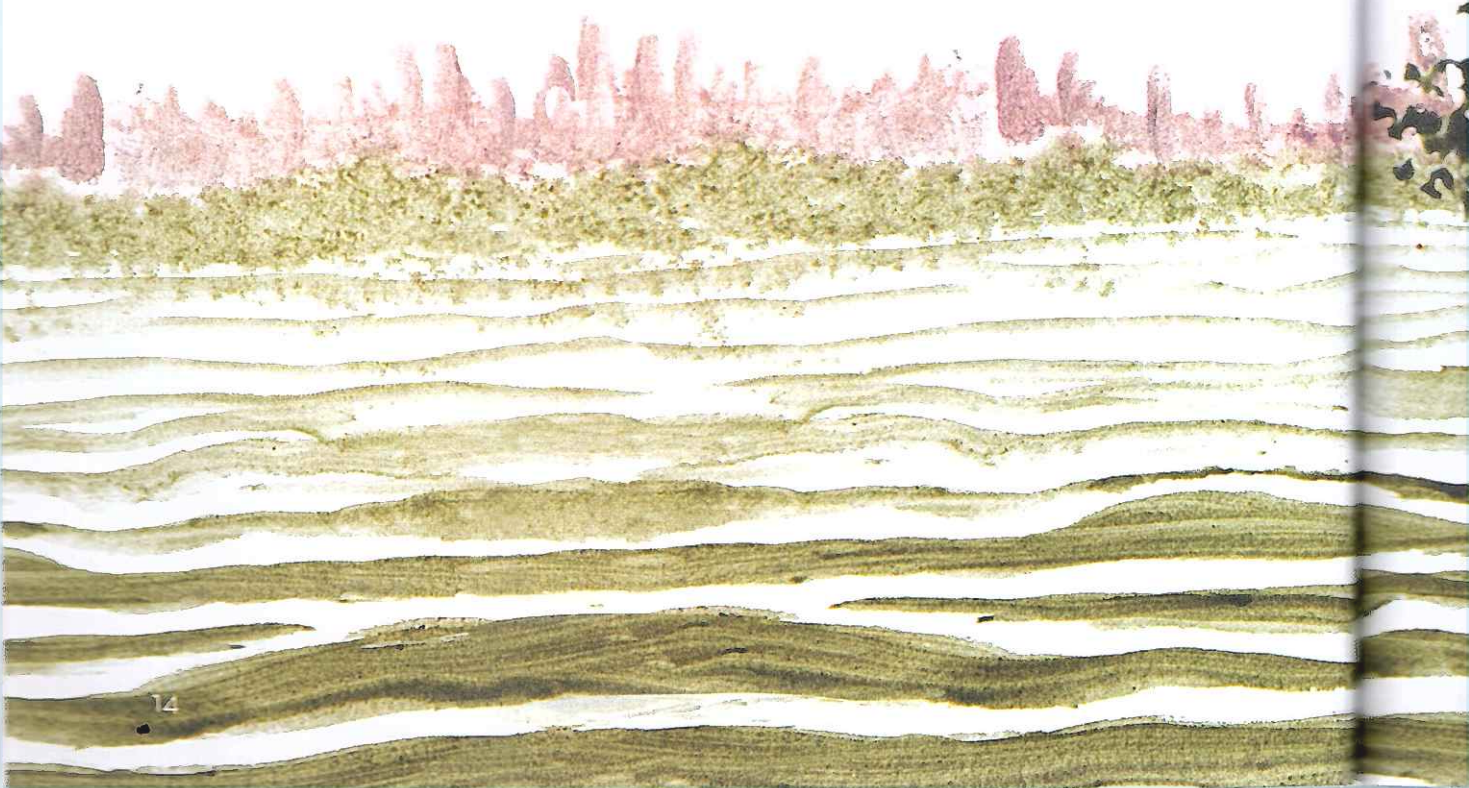


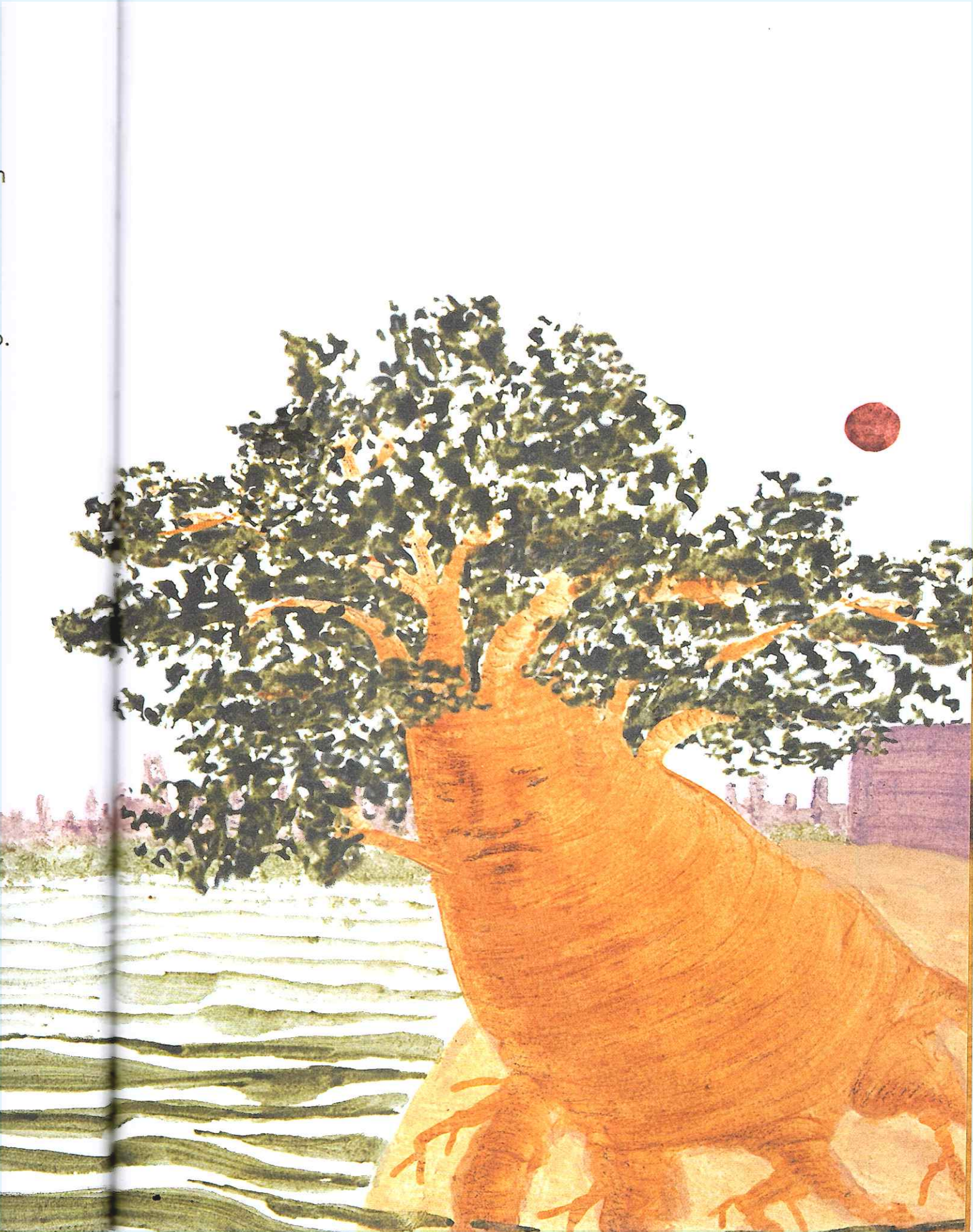
Alto como era, não demorou a ver uma copa com folhas semelhantes às suas, acima das casas de dois andares do bairro. Fez um giro quase completo naquela direção e, para sua surpresa, por cima do muro da casa presenciou uma trágica realidade: o parente estava emparedado! Uma parede dividia dois quintais, e o tronco do baobá, preso no meio do muro separatista, tinha, ainda por cima, uma corrente

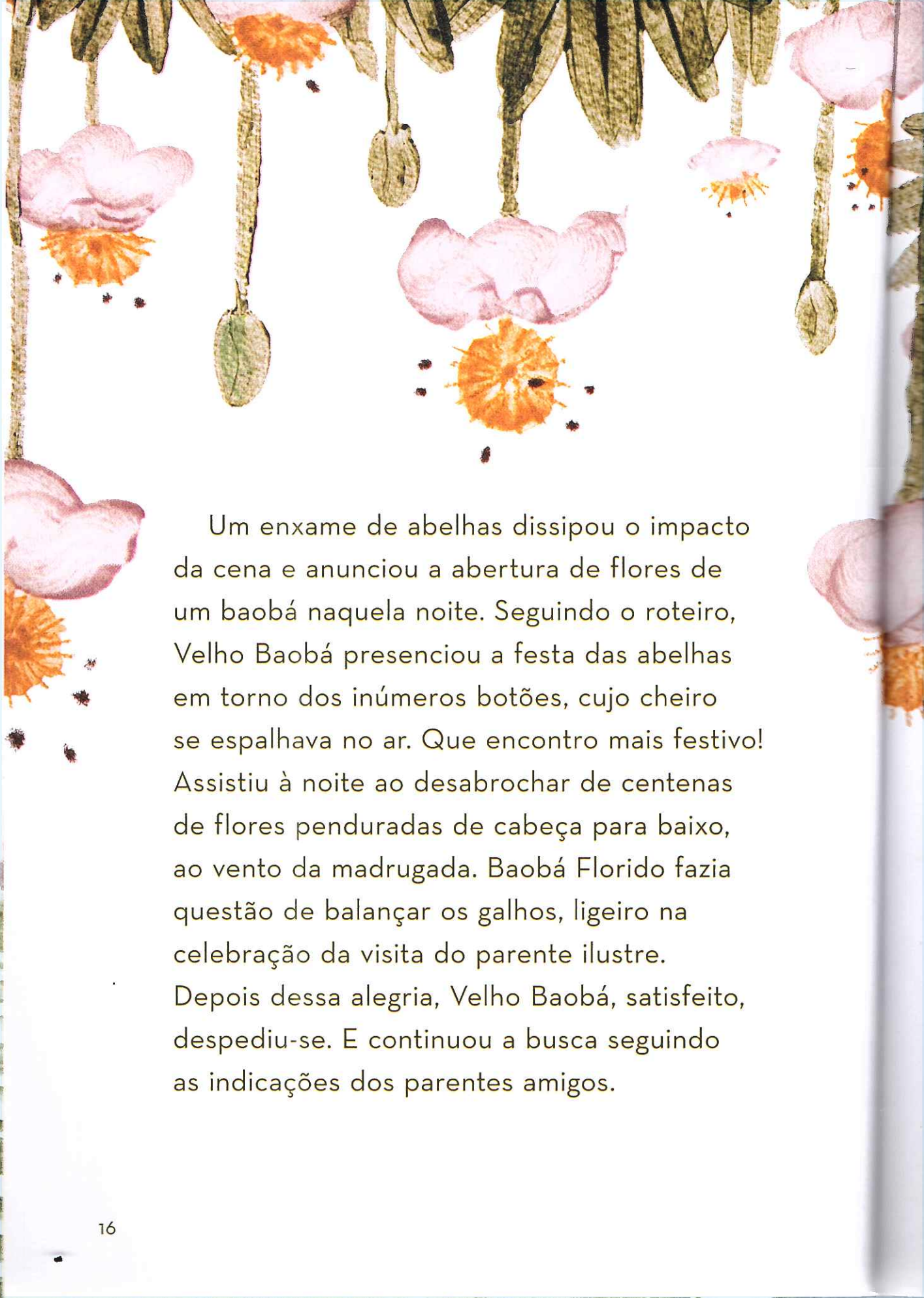


de ferro que o arrodeava. Dá para acreditar? Entre o muro e acorrentado! Duvidaria se outro lhe contasse tal situação. Velho Baobá saiu dali transtornado de tristeza, tendo prometido ao parente que faria denúncias aos ventos para que alguma mobilização local conseguisse tirá-lo daquele lugar, já que ele, sendo estrangeiro, não poderia se envolver em confusão em terra alheia.

Animou-se um pouco quando avistou o rio indicado por Baobá Espremido na Calçada e seguiu sua margem ficando quase sem passagem entre os casebres, os prédios e o entulho que disputavam espaço com ele. De longe, avistou o Baobá da Beira do Rio e, ao se encontrarem, suas raízes se entrelaçaram por um longo tempo. Baobá da Beira do Rio confessou que viveu ali bons tempos, até o assoreamento daquelas margens deixar suas raízes expostas, quase sem terra para sustentá-lo. Para completar, na parte em que as raízes ainda estavam aterradas, havia muito lixo e mato alto, além de um muro próximo que insistia em desfeiteá-lo.



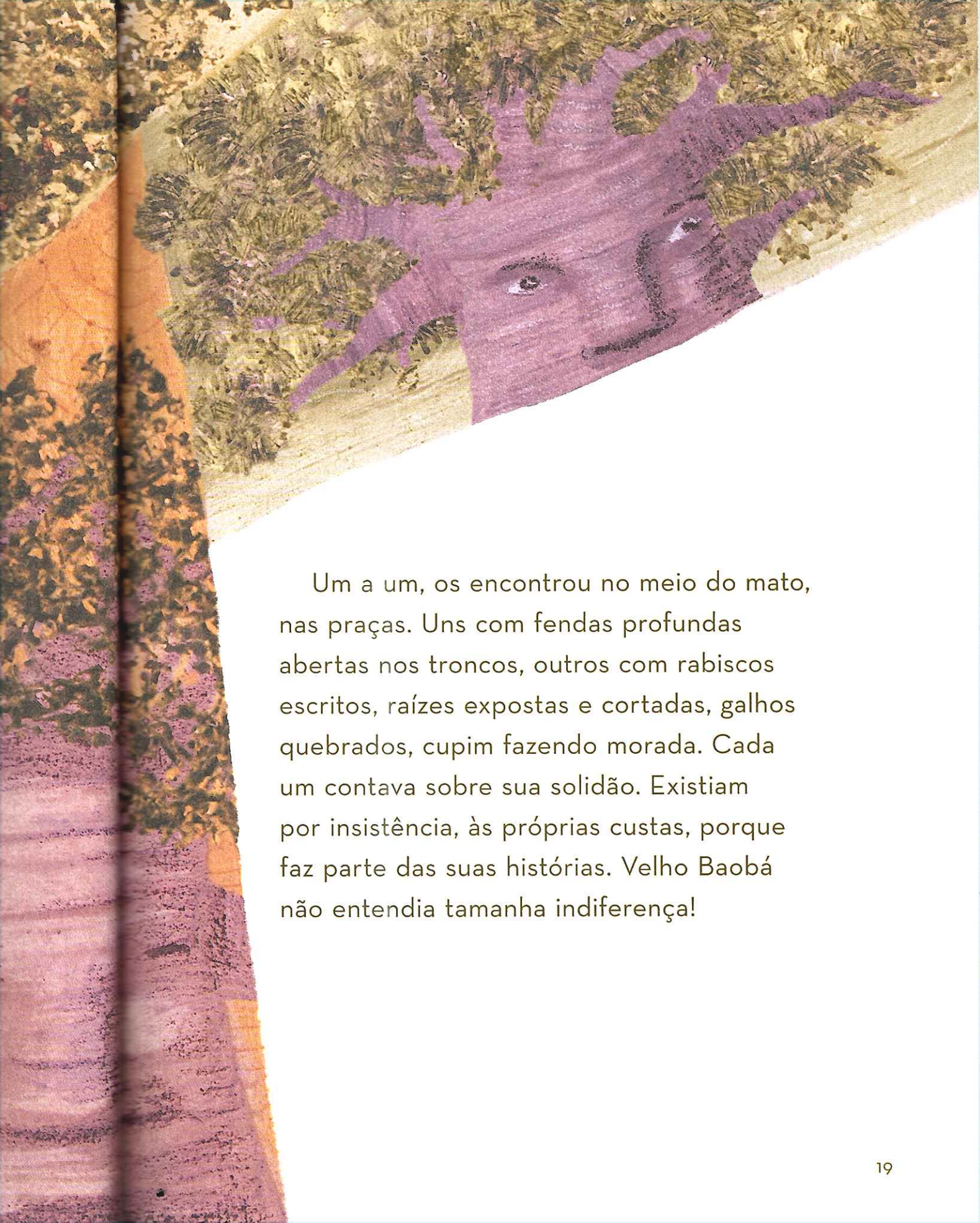




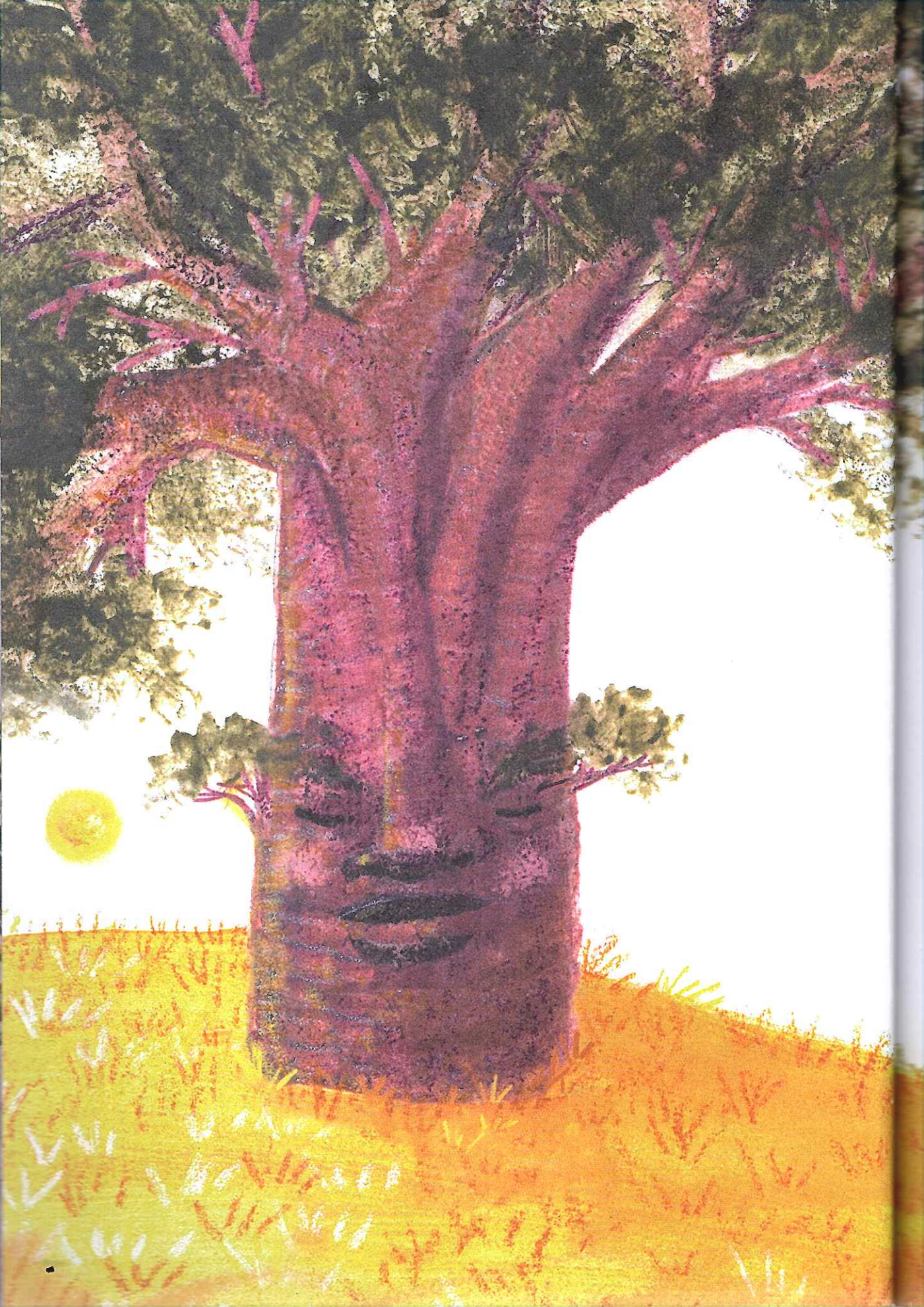
Um enxame de abelhas dissipou o impacto da cena e anunciou a abertura de flores de um baobá naquela noite. Seguindo o roteiro, Velho Baobá presenciou a festa das abelhas em torno dos inúmeros botões, cujo cheiro se espalhava no ar. Que encontro mais festivo! Assistiu à noite ao desabrochar de centenas de flores penduradas de cabeça para baixo, ao vento da madrugada. Baobá Florido fazia questão de balançar os galhos, ligeiro na celebração da visita do parente ilustre. Depois dessa alegria, Velho Baobá, satisfeito, despediu-se. E continuou a busca seguindo as indicações dos parentes amigos.

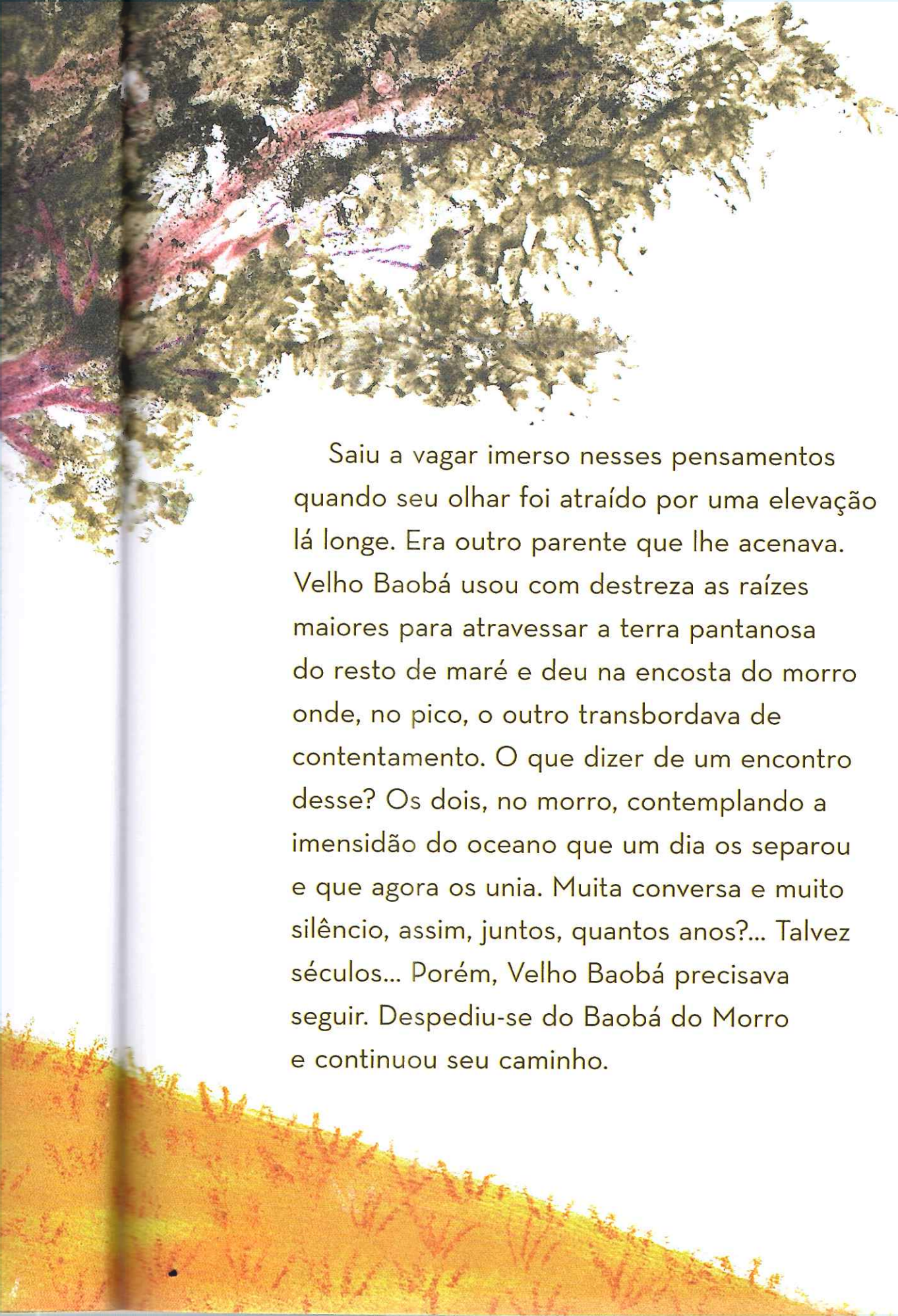






Um a um, os encontrou no meio do mato, nas praças. Uns com fendas profundas abertas nos troncos, outros com rabiscos escritos, raízes expostas e cortadas, galhos quebrados, cupim fazendo morada. Cada um contava sobre sua solidão. Existiam por insistência, às próprias custas, porque faz parte das suas histórias. Velho Baobá não entendia tamanha indiferença!





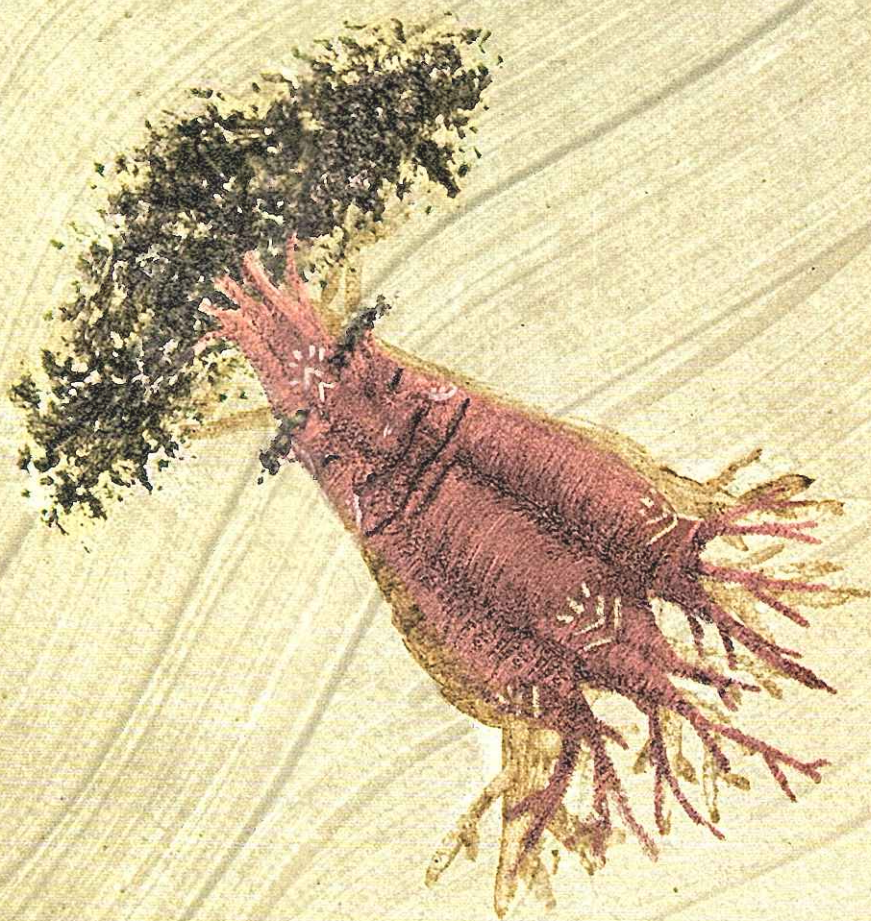
Saiu a vagar imerso nesses pensamentos quando seu olhar foi atraído por uma elevação lá longe. Era outro parente que lhe acenava. Velho Baobá usou com destreza as raízes maiores para atravessar a terra pantanosa do resto de maré e deu na encosta do morro onde, no pico, o outro transbordava de contentamento. O que dizer de um encontro desse? Os dois, no morro, contemplando a imensidão do oceano que um dia os separou e que agora os unia. Muita conversa e muito silêncio, assim, juntos, quantos anos?... Talvez séculos... Porém, Velho Baobá precisava seguir. Despediu-se do Baobá do Morro e continuou seu caminho.



Tomou novo rumo e regozijou-se ao encontrar outros velhos parentes bem cuidados. Alegrou-se ao ver frutos dos frutos de variadas gerações, um sinal de que continuarão a marcar o destino traçado: de uma pequena semente transformar-se no maior tronco do mundo.

Era hora de voltar... O mar levaria Velho Baobá de volta para de onde veio, deixando aos parentes a mensagem de ânimo para resistirem às tempestades, ao fogo, às barreiras e à falta de proteção, aprofundando bem suas raízes sem nunca se esquecer das terras de lá.





Entrou nas águas da praia, sentindo-se em casa porque estas o levariam para seu destino. As mesmas águas que fizeram a travessia das pequenas sementes hoje transformadas em colossais baobás, dispersos por condições desiguais. Quase sem perceber, pendeu e já estava boiando de volta para a sua terra do outro lado do oceano.





Visto do mar, o Baobá do Morro
parecia cada vez menor, menor, menor,
até desaparecer. Velho Baobá voltaria
a encontrar aquelas criaturas marinhas...





QUANDO UM BAOBÁ SE MOVIMENTA

— *Por que inventas histórias?* — ela perguntou.

— *Para a nossa escuridão ficar mais bonita.*

Ondjaki, 2013

O poder das palavras! Sinto admiração ao ver como a complexidade da vida pode ser retratada de modo tão simples por quem carrega o dom de semear palavras. Ondjaki é um semeador, e chego a pensar nele como meu alter ego, meu outro eu na literatura. Inaldete é outro alter ego que tenho: leva consigo a sanha de povoar o imaginário brasileiro de negruras africanas replantadas profundamente neste solo árido e totalmente desprezadas pelas botas embranquecidas, contemporâneas e violentas, das sinhazinhas e dos sinhozinhos descendentes de colonizadores, que continuam a caminhar por aqui experienciando modos bárbaros de compreender as diferentes existências humanas.

Causa-nos impacto quando, com força, vemos as negruras daquelas sementes brotarem diante de nossas desejosas íris. Inaldete é essa mulher semeadora que, com feitiço preto, tem publicado há trinta e dois anos histórias capazes de curar as feridas presentes nos corpos negros brasileiros. Afinal, o racismo provoca verdadeiras chagas em quem assume o ônus da assunção da existência preta no país.

Inaldete também é uma das fundadoras do Movimento Negro do Recife e feminista desde 1979. Em 1987, começou a preparar os textos de *Pai Adão era Nagô* e

Cinco cantigas para você contar, a fim de nos alimentar com narrativas negrorreferenciadas. Desde então, tem narrado a ancestralidade africana e negro-brasileira, trazendo para a centralidade de sua literatura o continente africano e as questões culturais negro-brasileiras, fincando sua pena no tinteiro dos Direitos Humanos.

Aqui, ao colocar o baobá como um gigante que de tão magnífico é capaz de atravessar a mãe-mar, com todas as raízes poéticas a encantar quem ainda dorme, Inaldefe nos leva a mergulhar profundamente em águas salgadas que se deslocam num tempo-espço possível, dentro de uma cosmovisão africana, na qual o encantamento é sinônimo de feitiço, feitiço é sinônimo de poder e poder é sinônimo de ser.

A estrutura do texto é a mesma encontrada nos mitos africanos: seres ancestrais que se situam num tempo-espço em que tudo é possível, dialogando e aprendendo, até mesmo através do silêncio. A heroína ou o herói se lançam em uma jornada a fim de compreender suas próprias essências e uma verdade que os envolva circularmente, em trama delicadamente construída. Em termos literários, tal assunção só pode se fazer presente em quem tem uma alma grandiosa, capaz de se atirar ao desconhecido, corajosamente saindo das zonas de conforto rumo à “jornada do herói”, como afirma Cornel West em seu livro *O herói com rosto africano – Mitos da África*.

Baobá é mãe e, talvez por isso, capaz de viver quase que para sempre, por mais de mil anos. Será que ele se sabe capaz de tamanha longevidade? Creio que não: o baobá vive tudo isso justamente por não ter tal expectativa. Simplesmente existe, com suas raízes, num solo sem-

pre fofo e fértil, a se conectar também com raízes de outras espécies. Afinal, se percebe um ser vivo cujo objetivo de vida é se encontrar, entrelaçadamente.

Se o Velho Baobá atravessou a mãe-mar chegando a terras brasileiras para conhecer outros baobás, conseguiu tamanha proeza justamente à custa de uma rede de apoio estabelecida entre os seres vivos e seus feitiços em torno daquela aventura, partindo da compreensão do valor de uma irmandade que reconhece sempre as necessidades de todos, nutrindo as diversas caminhadas. É assim que Inaldete, como um baobá, tem nutrido nossas copas e raízes com a sabedoria de nossos ancestrais, necessária para nossa caminhada saudável nos dias de hoje.

Como num sonho, hoje acordei com uma mensagem linda de Inaldete e imaginei, só imaginei, que criava um belíssimo conto para aquecer corações e fincar raízes em solo fértil, nessa manhã fria de julho. Na minha imaginação, perguntei à Inaldete: “Por que inventa histórias?”. E ela, firme como as Candaces sabem ser, respondeu: “Eu invento histórias como contribuição para a nossa resistência, para que estejamos presentes com nossa voz, nosso sentimento, nossas africanidades. É uma forma de resistir às mentiras do racismo. É assim que me coloco no mundo: para resistir”.

E eu, para honrar sua trajetória de profundo amor ao povo preto, e somente por isso, me coloco em posição de respeito para afirmar que honro o Ori dessa nossa baobá: sim, Inaldete, você está deixando raízes profundas em nosso solo chamado Brasil. Gratidão!

Kiusam de Oliveira
Inverno/2021